

# A crônica jornalística de Mário de Andrade

Cícero Nicácio do Nascimento Lopes<sup>[1]</sup>, Francilda Araújo Inácio<sup>[2]</sup>

[1] nicacio.nlopes@gmail.com. [2] araujo.francilda@gmail.com. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus Campina Grande. Av. Tranquillino C. Lemos, 671, Jardim Dinamérica – Campina Grande/PB

## RESUMO

---

O presente trabalho tem como foco essencial recompor o percurso jornalístico desenvolvido por Mário de Andrade, notadamente no que se refere à sua produção cronística. Multifacetada, a obra do escritor transitou também pela elaboração de crônicas literárias, na imprensa paulistana do início do século passado, fato de relevo no contexto restaurador de sua rica e vasta produção literária. Considerada um gênero híbrido situado historicamente entre o jornalismo e a literatura, a crônica representa um fecundo canal veiculador do pensamento estético e ideológico desse que é reconhecido como um dos maiores expoentes da nossa literatura.

**Palavras-chave:** Mário de Andrade. Crônica. Jornalismo.

## ABSTRACT

---

*This paper focuses essentially in restoring the journalistic course developed by Mário de Andrade, noticeably when it comes to his chronicles production. Versatile, his work also went through the elaboration of literary chronicles in the beginning of the last century's São Paulo's press, a relevant fact in the restoring context of his rich and large literary production. Considered a hybrid genre historically situated between the journalism and the literature, the chronicle represents a fruitful channel, propagator of the esthetic and ideological thought of the one who is known as one of the biggest exponents of our literature.*

**Keywords:** Mário de Andrade. Chronicle. Journalism.

## 1 Introdução

O ano de 1915 marca o início da atividade jornalística do escritor paulista Mário de Andrade, que escreveu artigos de crítica para o jornal *A Gazeta*. Em plena época de desenvolvimento da Primeira Guerra Mundial, seus textos estão impregnados de toda a atmosfera do conflito, tematizando ideias nacionalistas e comentando os rumos da guerra.

Ainda que faltasse aos textos um rigor argumentativo, que somente a maturidade e a experiência lhe permitiriam, com a passagem dos anos, Mário de Andrade já demonstra vocação para “dialogar” com o público através do jornal.

No início da década seguinte, que foi singularmente importante para o Modernismo brasileiro, do qual viria a ser um dos principais atores, já desponta como articulista, por volta de 1921 e mesmo 1922, com um estilo livre, provocando discussões junto ao grande público leitor sobre temas ligados à estética modernista.

Em 1923, colaborou no *Correio Paulistano*. Mas foi pouco antes, no ano de 1920, que Mário iniciou no jornal *A Ilustração Brasileira*, dentro da seção por ele assinada “De São Paulo”, sua produção dentro desse campo.

Segundo Telê Porto Ancona Lopes (1976, p. 36), nesse período, as crônicas de Mário

são crônicas que primam pelo exercício da poeticidade, estando estreitamente ligadas à temática e à própria imagética da Paulicéia desvairada: os contrastes da cidade grande, os trajés de losangos “arlequinal”, a costureirinha, o vento-navalha.

Os anos de 1923 e 1924 marcam a sua participação no periódico *América Brasileira*, quando escreve a série “Crônicas de Malazarte”. São textos bastante extensos, em que se fundem a referencialidade com a poeticidade.

No ano de 1926, Mário de Andrade escreve para o jornal *A Manhã*, edição de São Paulo. Telê Porto enfatiza que, nesse ano, seus textos hesitam entre ser artigo ou crônica e “começam a desenvolver objetivamente uma argumentação” (LOPES, op. cit., ibid.).

Estamos, até aqui, há cerca de uma década, ou pouco mais, da participação do autor de *Macunaíma* na imprensa escrita paulistana e convém fazer uma observação importante: até este momento, não tinha

havido ainda uma participação mais sistemática, que tivesse regularidade. Eram colaborações esparsas, esporádicas e irregulares nos jornais que circulavam na época, em São Paulo.

A regularidade só acena no ano seguinte, em 1927, quando Mário começa a escrever crônicas e críticas sobre arte e literatura, no jornal *Diário Nacional*, onde escreve na série “A arte em São Paulo”. O curioso é que, nesse período, não era comum o emprego do termo *crônica* na imprensa. Um exemplo bem característico disso pode ser encontrado na apresentação do jornal em que esclarece, ao público leitor, a série de textos que seriam publicados a partir dali:

*O Diário Nacional* inicia hoje uma série vasta de artiguets encomendados a seu crítico de arte na cidade de São Paulo, focalizando os costumes e os vícios que a ela se relacionam. Serão estudadas todas as manifestações artísticas e passados em revista não só os críticos nacionais e estrangeiros que aqui vivem como os professores, os burgueses, os meios proletários e governamentais, em sua função artística. Espera assim o *Diário Nacional* fazer uma exposição nítida e imparcial de todos os vícios e cacoetes que impedem a manifestação eficiente das artes, em nosso ambiente social. (*Diário Nacional*, 1927).

O jornal *Diário Nacional* vai ocupar um lugar de muito destaque na produção cronística de Mário de Andrade. O jornal teve vida sólida durante o período em que esteve em circulação, divulgando amplamente os principais acontecimentos e manifestações da arte e da cultura da vida paulistana.

Financeiramente, o periódico atravessou sérias dificuldades, que em parte podem ser atribuídas ao seu engajamento político. Sua linha editorial, simpaticamente do Partido Democrático, aderiu aos ideais de oposição ao regime e provocava reações.

O período de 1927 a 1932 representa o único momento em que o escritor escreveu crônicas com regularidade para a imprensa industrial.

Convém observar que, na oportunidade, a apresentação do jornal se referencia às crônicas, qualificando-as, entretanto, de “artiguets”, passando a impressão de artigos ligeiros, de tom ameno.

No entanto, nesse mesmo jornal, Mário de Andrade tanto escrevia crônicas com essas características de amenidade, como publicava textos mais densos

e elaborados, normalmente criticando as manifestações de arte em São Paulo, que se assemelhavam a verdadeiros ensaios críticos, os quais continuavam a receber o tratamento de artiguetes.

Pode-se afirmar que não havia coerência nos rótulos usados pela imprensa para qualificar a crônica nos anos 20. No período, a imprensa ainda não a identificava, confundindo-a muito com “artigos”, “colaborações” e “impressões”. Possivelmente isso decorresse do fato de a crônica ainda não estar sendo intensa e regularmente cultivada e difundida na imprensa industrial, como começaria a ocorrer na década seguinte.

A esse respeito, é ilustrativa a crônica “Agora, é não desanimar” (*Diário Nacional*, 16/08/1931), em que o próprio cronista Mário de Andrade dá batismo duplo a seus textos:

O interesse, apenas de cronista, pelas anedotas que tinha a relatar, me fizeram esquecer que sem ressalva alguma da minha parte, o relato iria ferir o sentimento daqueles que guardam com justiça a memória do velho paulista. Isso aliás está me recordando o caso do sobrinho de Salomé, que por demais pândego não se presta a ser contado agora. Ficará pra uma das crônicas futuras. Mas está claro que com o meu artigo de domingo passado não tive a mínima intenção de chocar o sentimento de ninguém.

Ancona Lopes informa que, nos textos,

a referencialidade está diluída, mas, é a sua própria construção, seu discurso, isto é, a literariedade, que levam o leitor de volta a ela, na reflexão que sucede a risada primeira. São didáticas: a persuasão se faz através do humor que situa o cotidiano, empregando a paródia, a antífrase e a hipérbole. (LOPES, op. cit., *ibid.*).

Mário de Andrade, que no período escrevia textos ainda avulsos, não qualificados como crônicas, se tornou cronista correspondente no fim do ano de 1927 e no início de 1928, quando fez a sua segunda “viagem etnográfica”. Do nordeste do País, escrevendo aquilo que ele próprio chamou de “crônicas diárias”, envia a série “O turista aprendiz” para o jornal *Diário Nacional*.

Ancona Lopes informa que *O Turista Aprendiz* tem bem clara a natureza de seus textos: são crônicas que dentro de uma “viagem etnográfica” permitem a entrada de “comunicações”, “notas” e “informações”, apresentando referencialidade, à medida que tratam de resultados de uma pesquisa.

Todavia, um aspecto muito importante, que vai perpassar a estrutura desses textos de *O Turista Aprendiz*, revelado por Telê, diz respeito à construção, ou seja, à poeticidade e à criatividade utilizadas pelo cronista Mário de Andrade na sua elaboração. Mário funde essa referencialidade com seu peculiar lado confessional, sua visão própria, parecendo antecipar uma das características mais marcantes do novo gênero, expressa na associação do referente com o poético, que se entrecruzam para provocar o lirismo reflexivo, sobre o qual discorreremos antes:

Na ânsia de registrar o referencial diário, mistura elementos internos e externos e foge à objetividade de um correspondente, deixando também seu estado de espírito na hora em que está escrevendo e a revisão da jornada à luz dos sentimentos. Não é mais a hora do fato, mas a hora do autor. (LOPES, op. cit., p. 37).

Ao regressar da viagem que empreendera ao nordeste do País, Mário de Andrade passa a ser cronista regular do referido jornal *Diário Nacional*. Suas crônicas ordinariamente são semanais. Todavia, há algumas semanas em que se registram duas e até mesmo três crônicas. Esse aspecto pode sugerir que essa experiência vivida pelo escritor, até então inédita em sua vida intelectual, tinha agradado ao público leitor.

Em parte do ano de 1928, Mário escreve crônicas relatando as experiências vividas por ocasião de sua viagem ao Nordeste, intitulando o conjunto de *O Turista Aprendiz*, e publicando regularmente no jornal *Diário Nacional*, através de uma coluna com o mesmo nome.

Mário escreveu sistematicamente crônicas para o *Diário Nacional* até setembro de 1932, quando o jornal foi fechado. O escritor deixou uma vasta produção no periódico, totalizando setecentos e setenta e um textos, incluindo crônicas, artigos, ensaios, poemas e ficção.

No *Diário Nacional*, excetuando-se o ano de 1928 quando se deu sua participação em *O Turista Apre-*

diz, Mário de Andrade havia publicado cento e oitenta e duas crônicas, que a pesquisadora Telê Porto publicou na obra *Mário de Andrade: Táxi e Crônicas no Diário Nacional*, edição de 1976.

Moacir Werneck de Castro (1989, p. 41) ressalta que “seus artigos e crônicas no *Diário Nacional* (onde colabora de 1927 a 1932, quando este órgão do Partido Democrático deixa de funcionar), despertam grande interesse.”

O próprio Castro lembra que muito próximo desse período, nas suas férias, em dezembro de 1926, o escritor havia elaborado, na chácara do primo Pio Lourenço Correa, na cidade de Araraquara, São Paulo, a primeira versão do livro-rapsódia *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, utilizando o material acumulado em suas pesquisas. Este aspecto é importante, à medida que pode sugerir o timbre e as coordenadas intelectuais que povoavam o imaginário do escritor na ocasião em que produziu a sua cronística.

Ainda Moacir Werneck de Castro (op. cit, ibid.), todavia, sustenta que o ano de 1929 é de “pouca produção” na vida intelectual do escritor paulistano. A nosso ver, há nítido equívoco da parte do crítico, haja vista a larga produção em crônica que se verifica no ano, em sua coluna Táxi, criada por ele no jornal *Diário Nacional*, sobre a qual discutiremos mais adiante.

Por outro lado, certamente não haverá equívoco se Castro tiver se referido à produção dos demais gêneros consagrados, tão intensamente elaborados por Mário de Andrade. Entretanto, se assim o fizesse, estaria convalidando, ainda mais, o pouco caso que a crítica tem dado a esta faceta da produção artística do escritor, e até mesmo à crônica, tomada enquanto gênero isoladamente.

Em 1933, escreveu para o *Diário de São Paulo* e para *O Estado de São Paulo*. Entre 1935 e 1938, quando Mário atua como Diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, sua atividade fica, segundo Castro, “reduzida a um mínimo”.

De 1938 a 1941, temos o que Nelson Werneck de Castro chama o *exílio no Rio*, período em que Mário, profundamente insatisfeito com sua saída do Departamento de Cultura, provocada por nítidas motivações políticas, muda-se para o então Distrito Federal.

De acordo com Sônia Sachs (1993, p. 39), na capital da República, nesse período, Mário de Andrade colabora semanalmente, de março de 1939 a setembro de 1940, no jornal *Diário de Notícias*, assinando

a coluna *Vida Literária*, na qual escreve críticas a livros da época. As críticas de sua autoria são por ele mesmo denominadas “crônicas”, conforme demonstraremos.

Após 1940, segundo Sachs (ibid.), continua escrevendo para *O Estado de São Paulo*, *Diário de São Paulo*, e o *Correio da Manhã*, em São Paulo. É registrada, ainda, a publicação de um artigo assinado por ele no jornal *Diário da Manhã*, de Recife, no ano de 1936, intitulado “Resposta a um Inquérito”. Em 1942, no íntimo de publicar sua obra completa, o escritor faz uma seleção de quarenta e três crônicas e as reúne na obra *Os Filhos da Candinha*. A publicação definitiva, porém, somente ocorreria no ano seguinte, em 1943.

Dessas quarenta e três crônicas, segundo Ancona Lopes (op. cit, p. 49), vinte e sete provieram do *Diário Nacional*; cinco foram extraídas d’*O Turista Aprendiz* e onze são de fontes não identificadas.

## 2 Considerações finais

Conforme assinalamos, a produção cronística de Mário de Andrade em jornais impressos foi significativa. Mário de Andrade promoveu um processo de reelaboração dos textos que foram, originariamente, destinados para publicação em jornal. Para a publicação em livro, o escritor praticamente reescreveu os textos, tantas são as refusões feitas, que se manifestam nos registros de alterações, substituição de expressões, vocábulos, pontuação etc.

Outro aspecto relevante diz respeito ao momento de elaboração dos textos. No momento da produção da crônica para o jornal, logicamente a construção tem mais aderência à humanidade do escritor, é mais suscetível a suas idiosincrasias, em face da pressa que urge para a publicação e até de imperativos decorrentes de compromissos mercadológicos e de diagramação que impedem ou inibem uma ação mais elaborada e organizada.

Contrariamente, o momento da reelaboração, para fins de publicação em livro, já permite ao artista certa liberdade para conceber um novo texto, refundido com as modificações posteriores, apenas apagando alguns elementos contextuais e “enxugando” expressões, para adequar o texto à nova situação que deseja emoldurar.

Assim, convém observar, oportunamente, que entre as publicações das crônicas no *Diário Nacional* (1927 a 1932) e em *Os Filhos da Candinha* (1934), houve o decurso de um prazo relativamente longo,

cabendo a reflexão sobre a questão relativa ao binômio formado pela efemeridade de um lado, que se expressa na publicação apressada em jornal, e, de outro, pelo desejo de permanência, que se manifesta no ideal de reunir os textos e publicar a obra em livro.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Moacir Werneck de. **Mário de Andrade:** exílio no Rio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

DIÁRIO NACIONAL. São Paulo.  
Edições entre 1927 e 1932.

LOPES, Telê Porto Ancona. **Mário de Andrade:** Táxi e Crônicas no *Diário Nacional*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

SACHS, Sônia. **Mário de Andrade:** Vida literária. São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 1993.